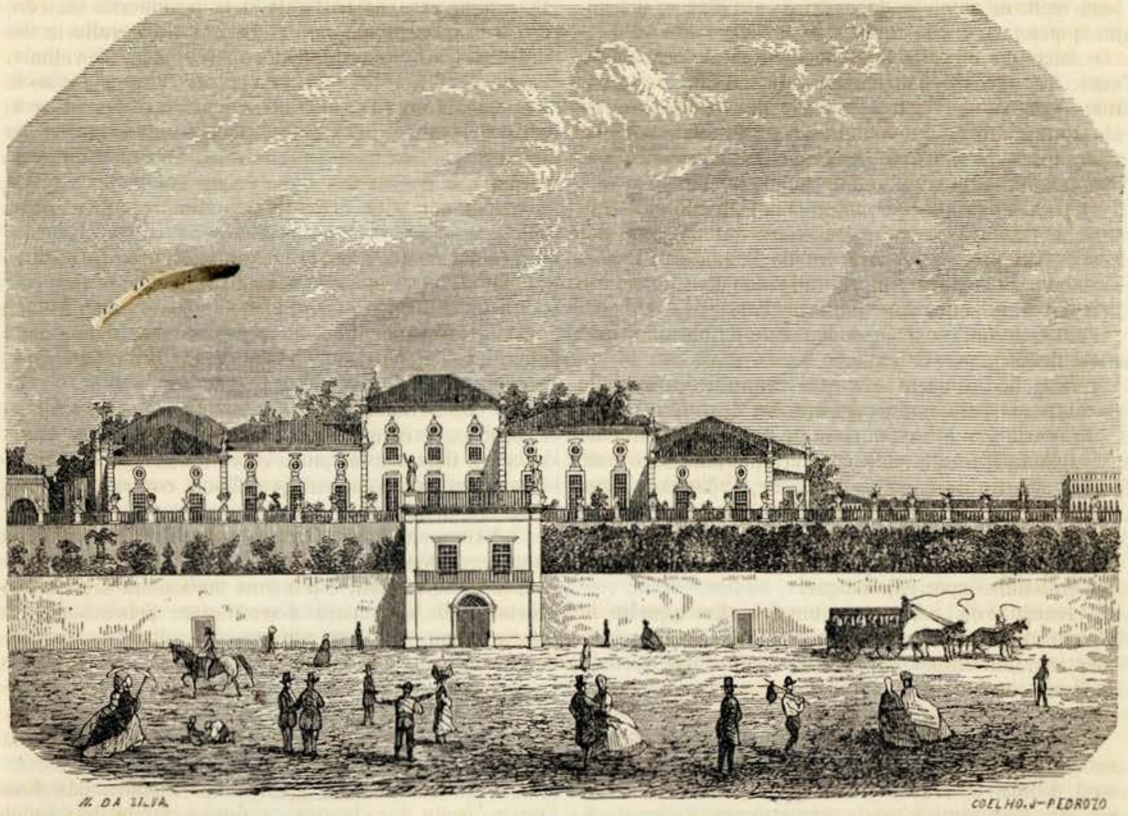


Palacio real de Belem — Desenho de Nogueira da Silva

I

Esta deliciosa vivenda foi obra dos condes d'Aveiras no fim do seculo XVII, ou principio do XVIII.

Foi durante annos a residencia predilecta d'esta opulenta familia na estação calmosa.[1] Porém el-rei D. João V appeteceu-a para si, e forçoso foi a João da Silva Tello e Menezes, 3.º conde d'Aveiras, ceder aos desejos do soberano, que a comprou, correndo o anno de 1726, pela avultada somma de duzentos mil cruzados.

Compunha-se então esta propriedade do palacio actual, de um grande jardim na sua frente, de ruas de bosque, horta, pomares, varias casas em volta dos muros da quinta, e de alguns fóros.

O palacio conservou a sua fórma exterior, apenas interiormente teve mudanças, com que ficou mais ricamente decorado. Na quinta é que o monarcha se esmerou para a fazer digna da realeza. Augmentou-a com outra visinha, que comprou ao conde de S. Lourenço. Plantaram-se novos jardins, guarnecendo-se uns de gradarias de ferro, e outros de balaustradas de marmore; construiram-se grandiosos viveiros para aves de recreio; fizeram-se varios lagos e fontes, e uma bella cascata; e finalmente distribuiram-se pelos jardins e por meio do bosque muitas estatuas e vasos de marmore.

Como o palacio não tinha accommodações sufficientes para a familia real, unicamente lhe servia de recreação para visita de algumas horas. Entretanto durante as obras que se fizeram no paço das Necessidades, nos annos de 1845 e 1846, habitou a senhora D. Maria II e toda a real familia n'aquelle palacio. N'elle nasceu, por essa occasião, a serenissima senhora infanta D. Antonia. Ainda estarão vivas na memoria de todos as festas e soberbas galas com que sua alteza foi levada a baptisar d'esse paço á sumptuosa egreja de Santa Maria de Belem.

No reinado d'aquella soberana foi destinado este paço para os bailes da corte. Alli se deram muitas e esplendidas funcções. Para esse fim construiu-se um grande salão de baile.

No reinado do senhor D. Pedro V por duas vezes ostentou este palacio magnificas pompas em applauso de dois consorcios reaes. Suas altezas, a Senhora infanta D. Maria Anna e o principe Jorge de Saxonia, e a senhora infanta D. Antonia e o principe Leopoldo de Hohenzollern alli foram residir depois do seu casamento até á sua partida para Allemanha.

II

Tem quatro frentes o palacio real de Belem. A principal, que se vê na gravura que juntâmos, olha para o sul, e cáe sobre um vasto jardim. As duas lateraes deitam para dois espaçosos pateos, e a do lado do norte para a quinta.

A fachada principal consta de cinco corpos, resaltando symetricamente uns dos outros, e sendo o do centro o mais recolhido. Tem só dois pavimentos, o terreo e o nobre. Pela frente d'este, que é o que a estampa representa, corre uma larga varanda de pedra, guarnecida de balaustrada, e com duas escadas, com egual guarnição, que descem para o jardim. Os tres corpos centraes são occupados exclusivamente pelas tres melhores salas do palacio.

[1] A pag. 273 do IV vol. acharão os nossos leitores uma gravura e noticia do palacio que os condes d'Aveiras, depois marquez de Vagos, tinham em Lisboa.

Na frente da parte de oeste está uma das entradas do paço, e a outra na frente de léste.

Em occasião de festejos reaes a primeira é a serventia para as pessoas da corte e convidados, e a segunda para a familia real.

O salão da entrada do lado de oeste é grandioso. Tem o pavimento de marmore azul e branco em xadrez. Decoram-lhe o tecto, que é muito elevado, ricas pinturas; e adornam-lhe as paredes dez bustos de imperadores romanos, de jaspe, e mettidos em nichos. No fundo da sala avulta um excellente busto del-rei D. João v, de proporções naturaes, esculpido em marmore de Carrara, e collocado sobre um elegante pedestal. Nas paredes, aos lados do busto, estão duas fontes, tambem de marmore, lançando continuamente agua em dois pequenos tanques.

O salão do baile corresponde a este da entrada, mas na frente da parte de léste.

A fachada do norte é a mais humilde, apesar de ser adornada com muitos bustos em marmore de varios imperadores e imperatrizes de Roma. Antigamente caía toda esta frente sobre um grande tanque, o qual foi desfeito no reinado da senhora D. Maria II, que mandou construir outro maior e mais rico a poucos passos d'alli.

Esta parte do palacio era no tempo do 3.º conde d'Aveiras uma especie de hospicio, ou hospedaria, com sua ermida, seis cellas e refeitorio, que aquelle fidalgo mandou fazer para hospedar os religiosos arrabidos, quando vinham a Lisboa do seu convento, edificado na serra d'Arrabida, d'onde a sua provincia tirou o nome.

El-rei D. João v, que tão benemerito foi d'esta ordem religiosa, que lhe entregou o sumptuoso convento de Mafra, acabou com aquella hospedagem assim que fez acquisição do dito palacio. Todavia, ficou-se dando a essa parte do edificio o nome *da Arrabida*, que anteriormente tinha.

No interiór do paço ha uma capella bem ornada. El-rei D. João v guarneceu as salas d'este palacio com uma preciosa collecção de paineis pintados a oleo por distinctos mestres das diversas escholas estrangeiras, e por alguns dos nossos mais eximios artistas. Desgraçadamente esta collecção foi, na sua totalidade, ou na maior parte, enviada para o Rio de Janeiro em 1810, e lá ficou como muitas outras preciosidades, que a familia real levou comsigo em 1807, e que não voltaram.

(Continúa) I. DE VILHENA BARBOSA.

BIBLIOGRAPHIA

D. JAYME OU A DOMINAÇÃO DE CASTELLA

POEMA DE THOMAZ RIBEIRO

Viu ha pouco a luz da publicidade um livro, novo na fórma, no assumpto e no auctor. Estas tres novidades são de bom agoiro, e em tudo correspondem á febre de innovações que define a indole e caracterisa as feições do presente seculo. O livro é *D. Jayme*, o assumpto é a oppressão de Portugal pela Hespanha durante os sessenta annos, o auctor é Thomaz Ribeiro.

Incita-me a traçar estas linhas o duplo dever de discipulo e de amigo, e o desejo de que chegue o mais longe possivel a noticia d'este livro; para que, quem for portuguez, tenha mais uma occasião de retemperar o seu patriotismo na leitura de um livro portuguez de lei; para que os apreciadores da poesia possam haurir, em deliciosos tragos, o nectar que recumam as perfumadas flores de que o auctor fez o seu poema e a sua corôa.

Vae o seculo XIX em mais do seu terceiro quartel: de tudo quanto, desde o principio d'este, as musas portuguezas tem produzido de mais extenso, é o *D. Jayme*, sem duvida, o mais digno de ser lido.[1]

O nosso parnaso tem estado como esteril: raro em raro o esmalta uma bonina, preciosa sim, mas como perola caída do engaste, que apparece á flor das aguas, e para sempre se perde na corrente. Devia razão de si por esmorecer tão dilatado a inspiração portugueza, outr'ora tão rica e tão festiva, tão brincada e tão cheia de galas, quando Thomaz Ribeiro appareceu lá do canto da sua aldeia com um livro na mão, dizendo aos que só crêem que o progresso da humanidade se resume todo nos progressos materiaes — aqui está a poesia, que, novo Protheo, varia as suas fórmas e caminha; que tem pausas em que descança, [illegible] que progride e não morre.

Ha dois poetas que no presente seculo merecem fazer epocha na historia da nossa litteratura poetica — Garrett e Ribeiro. Os que tem lido o *Camões* e *D. Branca*, não achando n'estes dois poemas o ignobil servilismo da imitação, em tudo e por tudo, dos paes da eschola épica, verão um arrojo de auctor, e os rasgos de um talento que floriu com os primeiros arreboes da liberdade, que luctava contra as pertinazes nuvens de um caduco obscurantismo, antes de apparecer livre e desassombrada no ceo de Portugal.

A revolução feita em nossa poesia epica pelo immortal J. B. de Almeida Garrett corresponde á epocha que se inaugurava: o pensamento succedia á auctoridade. Garrett creou uma eschola: fez muito; lançou o germen, amparou-o no crescer, viu-o florir e fructear, mas não chegou a colher todos os fructos sazonados. Thomaz Ribeiro veiu depois como Garrett: obedeceu ao movimento da sua epocha, e, como obreiro do progresso das lettras, continuou o edificio da nova poesia, fugiu das classicas tradições, e deu-lhe fórmas mais ideaes e mais elegantes.

O livro que veiu matar o monumento tem corrido os mesmos fados.

O poema que observava um rithmo constante e rimas regulares era monotono e pesado: rithmo e rima eram duas divindades crueis, ante cujas aras se agrilhoava o pensamento e atrophiava a idéa; constante martellar de duas ou tres vogaes com invariavel escolta das mesmas inflexões. Eis o edificio de acanhado portico e frontispicio nu, deixando ver toda a regularidade das fiadas da cantaria. O poema de verso solto põe o pensamento em mais liberdade, e tambem carece mais de pensamento, porque não deslumbra com fogos de artificio: auctor e leitor estão mais á vontade, o rigoroso escrupulo dos passos medidos desapparece; e a obra mais ideal e menos pesada já traz os contornos de uma architectura mais graciosa. Acima de tudo isto está o *D. Jayme*: permitta-se-me comparal-o ao gothico florido das antigas cathedraes, que arrojavam até ás nuvens as esguias agulhas de suas torres, ainda n'aquella altura floreadas de finos e delicados lavores, como para perguntar ao Creador se era digno d'elle o templo em que o adorava a creatura.

Ao *D. Jayme* não pergunteis por fórma nem rima, que por tudo vos dará bons versos, sempre cheios, harmoniosos e fluentes; longos como a agonia que exprimem, lentos como a lagrima que rola pelas faces, rapidos como o fogo que abrasou o criminoso que foge, melancolicos como o amor que suspira, tristes como a orphandade que geme, graves como a prudencia que falla, poeticos como alma que sonha, sublimes como espirito que espera e crê. As rimas são como as côres do iris agitadas no kaleidoscopo por mão de

[1] Não pareça que não lembraram os *Fastos* do Ovidio-Castilho, obra monumental da nossa lingua pela concordancia que da mesma se faz com a latina, e da porfia de um talento que, a ser possivel perder-se um dia a memoria das datas, faria scismar os eruditos na indagação de quem era o traductor, se Castilho, se Ovidio.

Fallando-se da poesia original, certo que não se podia comprehender a traducção dos *Fastos*.

infante: occorrem ageis, retiram-se doceis, e completam e aprimoram o pensamento, ou o deixam divagar em liberdade.

D. Jayme não é o primeiro escripto de Thomaz Ribeiro. Entre as muitas producções da sua primorosa penna, ha duas que lhe grangearam uma verdadeira fama academica, que porventura não morrerá depois de mortos quantos o conheceram e acompanharam nos estudos universitarios: são as *Mentiras* e o *Remorso*.

Coimbra, onde sempre ha tantos poetas em germen, onde nenhum quer confessar a supremacia do visinho, onde todos se disputam competencia, onde é difficil colher-se uma palavra de louvor do official do mesmo officio, onde o ridiculo se aposta a matar tudo, Coimbra inteira fe[illegible]ou as *Mentiras do Thomaz*. [1]

Era isto pelos fins de 1853.—Estiveste no sarau poetico? Ouviste as *Mentiras* do Thomaz?—Tens as *Mentiras* do Thomaz?—Emprestas-me o numero da *Harpa do Mondego* em que vem as *Mentiras* do Thomaz?—Já decorei todas as *Mentiras* do Thomaz.— Eis o que se ouvia entre a mocidade academica e não academica, homens e senhoras, depois que o Thomaz *mentiu* dizendo grandes *verdades*. Este acolhimento o fez o poeta do dia, e nenhum dos talentos que então por lá floreciam, e alguns de fama bem adquirida, lhe disputou a legitima soberania. O *Remorso* appareceu mezes mais tarde. Era uma vigorosa poesia, era um quadro de mão de mestre, um profundo estudo do coração humano, obra acabada e digna do auctor das *Mentiras*.

Mencionei estas duas composições pela relação que noto entre ellas e o *D. Jayme*. O poeta de imaginação e sentimento, que se revela aqui, fez-se e amadureceu n'aquellas composições. Foi lá que ensaiou o systema da liberdade metrica de que tanto partido tirou, principalmente no *Remorso*.

Thomaz Ribeiro, observador inspirado, sentou-se na sua aldeia ao pé da natureza, estudou-a em todas as suas graças e singelezas, e copiou-a para seus versos, e é assim que se nos figura entrar em um mundo encantado, e alçar-nos ao ceo, quando ouvimos as primeiras estrophes das *Mentiras*. Pensador profundo e reflectido, sentou-se na sociedade ao pé dos homens, estudou-lhes o movimento d'alma, dissecou-lhes o coração, leu em todas as suas paixões, e é assim que no *Remorso* nos apresenta com robustissimos traços e com apropriado colorido, o espectaculo de uma alma perdida, que, de perdição em perdição, achou no extremo da vida como unico esteio—o remorso! é assim que no *D. Jayme* apparecem todas as cambiantes da sensibilidade: sentimentos nobres, negruras d'alma, dores lanciantes, tudo com tal exactidão e verdade, que onde o auctor quiz chamar o riso aos labios, ahi sorrimos; onde nos quiz fazer chorar, ahi rebentam as lagrimas, e cáem espontaneas como o orvalho das flores ao leve roçar da brisa. É aqui onde está o verdadeiro talento do escriptor. É por isso que *Paulo e Virginia* ha de fazer sempre immortal Bernardim de Saint-Pierre, e que Xavier de Maistre ha de viver tanto como o seu *Leproso d'Aoste*.

O talento de semear impressões para colher lagrimas é um talento sublime; sentir e communicar deleites ...

[1] Para se fazer uma idéa da quantidade de poetas que então havia em Coimbra basta saber que, além de Ayres de Gouvêa, Ernesto Marecos, Silva Ferraz, Soares Franco e outros de nome conhecido e de que não me recordo, durante os estudos do auctor d'esta noticia os poetas excediam a dez por cento do numero dos condiscipulos: d'aqui póde argumentar-se para os vinte e quatro annos restantes, que frequentavam a universidade. Como para os rouxinoes tem um fim a primavera, tambem elle chegou para muitos dos poetas noveis, e de todos não sei que outros lhe tenham resistido além de Augusto Sarmento e Sanches da Gama. É digno de ser lido o livro que estes dois talentosos poetas publicaram em 1859 com o titulo de *Grinalda*, composta das *Flores da juventude* de Sanches da Gama e *Sensitivas* de Augusto Sarmento: aquellas são excellentes no apologo ou allegoria; estas nas suaves emanações d'alma que respiram em cada poesia e são verdadeiras *sensitivas* em quanto revelam todas as delicadas impressões d'alma e não no sentido modesto em que lhe poz este titulo.

pois a nossa alma aos leitores é privilegio do genio. O poeta das *Meditações*, que tantos arcanos da alma sondou, assim o disse a proposito de dois escriptos do citado Maistre, dando preferencia á *Lagrima continua* do *Leproso* sobre os espirituosos gracejos da *Voyage au tour de ma chambre*.

O *D. Jayme* revela muito conhecimento dos segredos do coração, e sabe onde estão os reservatorios em que elle estanca as lagrimas.

Sob este aspecto ainda aqui temos um bom livro. N'este seculo do progresso, em que os mais fervidos apostolos da civilisação tendem a reduzir o coração humano a uma viscera inutil para tudo que não sejam as funcções physiologicas do centro da circulação do sangue, Thomaz Ribeiro protesta contra esta materialisação, contra este anihilamento ignobil. D. Jayme é um typo sublime, que por amor se perde, por amor se avilta, e por amor se regenera. Perde-se por amor de Estella, avilta-se por amor da vingança, regenera-se por amor do sempre em vão buscado penhor de um santo affecto, por amor de Guiomar, de sua filha. Em todo o poema apparecem bem distinctos os movimentos do coração e do espirito; e até quando nos braços de Anninhas D. Martin, pae de D. Jayme, caiu martyr e acordou louco, perdeu a razão mas não perdeu o coração.

Felizmente, a par dos epicuristas que desconhecem a influencia do *laboratorio do sangue* nos progressos materiaes e moraes da humanidade, tem apparecido homens de mais dilatada esphera, que tem escolhido para thema de seus estudos moraes o coração humano como centro de uma ordem de idéas que lhe é peculiar. Temos em nossa litteratura quem já o fez: o sr. A. Herculano no *Monasticon*, Almeida Garrett, Camillo Castello-Branco, e outros que nos dispensam de mencionar; Balzac, Dumas filho, Espronceda, e não sei quantos mais de differentes litteraturas.

Perguntae ao homem enregelado na aridez de porfiada meditação, estudando a orbita de um astro, para que serve o coração, e dir-vos-ha que não vale o minimo coefficiente do seu calculo, que nada influe para a determinação do x. O engenheiro que despede uma locomotiva, o individuo que por um fio communica as idéas de dois mundos, dar-nos-hão respostas analogas. Que vale para elles mais que um cavallo de vapor, que uma pilha de grande força electrica? E n'estas coisas é que está o progresso. Mas consultae a humanidade, e ella vos dirá:—Tenham os sabios cabeça por nós, que por elles teremos nós coração.

Imitando o sabio mestre, o sr. Castilho, não direi palavra sobre o contexto do poema, para não contar o que não se conta melhor; não farei excerptos, que seria arrancar os caracteres de bronze da lapide onde estão engastados, para os mandar traduzir por um antiquario. Não que não tenha o poema trechos mimosissimos e cheios de inspiração; mas tiral-os de lá era desfolhar a rosa para lhe respirar o aroma, era mostrar, uma por uma, as figuras de um quadro, cujo principal merito está nas relações que observarem entre si.

Tambem este poema se torna recommendavel pela graça das descripções, mimo e naturalidade dos caracteres. Falla d'uma aldeia, e vem logo um perfume da poesia de João de Lemos; descreve uma scena campestre, vemos acção viva e animada, os vultos moverem-se, ouvimol-os fallar, o livro converte-se alli em tela, e na tela os jogos de luz calcularam todos os effeitos opticos para nos representar tudo ao natural. Conta-nos a ebriedade d'um festim, uma scena de sangue, um incendio, uma fuga, e ouvimos as saudes, o tinir dos copos, vemos o scintillar dos punhaes, ouvimos o crepitar das chammas, vemos o clarão sinistro que inflamma as nuvens n'uma área im-

mensa, ouvimos o galopar dos cavallos, o arquejar dos cavalleiros, e vemos tudo, tudo tão vivo e tão animado como se o livro fôra aquillo que descreve.

Os caracteres são tão naturaes, tão expressivos e tão bem desenhados, como são vivas as descripções. D. Martim é um typo que se vae perdendo, como se diz no livro, e por isso ao ver a pintura que de tão honrado velho nos faz o poema, ficâmos gratos ao auctor. D. Martim é um d'aquelles antigos fidalgos que tinham uma soberania mais legitima na sua aldeia que o rei em toda a nação, porque não foi imposta pela força, mas ganha pela pratica de muitas e continuadas virtudes; como pae, era terno ou severo, segundo cumpria: como senhor, bondoso, benefico, e sempre delicado; e como veterano das glorias nacionaes, grandioso a conversar com a sua espada, que orvalhava de lagrimas, como velho cançado dos annos, das lides, e das desgraças da patria; sublime quando limpava depois as manchas d'aquelle ferro venerando com a esperança de que tão nobre arma não havia de jazer para sempre na bainha.

Anninhas é um typo d'amor e de dedicação. D. Germano é o poeta das flores d'alma, por isso é a sua uma grinalda florida, mas entrançada d'abrolhos. Estella é um anjo que o amor faz baixar á terra, e que victima d'esse amor vôa ao ceo. Guiomar é uma flor que antes de manchada por nojento reptil tanto viçava, que não pôde perder as côres nem aromas; é uma virgem a quem deslaçaram a tunica da vestal sem lhe matar a innocencia. D. Jayme é o filho respeitador das cans de seu pae; o amante sequioso da vingança contra os assassinos de Estella: o pae que tudo sacrifica, até a propria vingança, no momento em que tinha nas mãos os algozes, para encontrar a filha do seu malfadado amor. D. Jayme, em fim, é a personalisação da patria opprimida; os Aguilares, irmãos e assassinos da sua Estella, representam bem a Hespanha do seculo XVII, que, depois de nos ferir na liberdade, no brio e na fortuna, queria levar a perversidade até nos ferir nas mais caras affeições.

Como lord Byron depois da publicação do *Child Harold*, Thomaz Ribeiro acordou celebre um dia pelo apparecimento de *D. Jayme*. Não estava o seu nome na lista dos mais favoritos escriptores; não tinha o retrato na *Revista Contemporanea*, e apenas era conhecido, fóra de Coimbra, por um estreito circulo de amigos que não decretam reputações litterarias; porém isto não obstou a que o *D. Jayme* fizesse logo popular o nome do auctor, e que se fallasse tanto d'este poema como em Coimbra se fallou das *Mentiras*.

A critica mais imparcial tem, sem duvida, reparos a fazer no *D. Jayme*. Producto algum da litteratura segue tanto a esthetica da arte e os preceitos da razão, que fique estreme de defeitos; e quem sabe se o maior de todos elles não seria a perfeição, habituados como estamos a lidar com o que é mais frequente e commum? Deliberadamente fugiu esta noticia de invadir os limites da critica, seguindo, como em outras partes, o exemplo do auctor da *Conversação Preambular*, que precede o poema. O eximio vate, fazendo a proposito da leitura do *D. Jayme* a historia de suas impressões, que outra coisa não é aquella conversação, diz em alguma parte: — «Ouçam o poema como elle o ouviu, julguem-no com a cabeça e com o coração, que para ambos estes juizes tem materia, e tão pouco darão por mal empregado o tempo da leitura, que o farão, como elle, pela quarta ou quinta vez.» Seguindo tão bom conselho, tive um prazer que os criticos desconhecem, pois em quanto elles, como homens de sciencia, dissecam e anatomisam, eu contento-me com ver a flor e respirar-lhe o aroma, sem ter a curiosidade de observar em que fica, depois de pisada entre os dedos. Venero os foros da critica, mas nem tudo para os seus levitas, que o relêvo das bellezas do *D. Jayme* sobrepuja os defeitos.

O poema de Thomaz Ribeiro tem sido geralmente bem acolhido, e esta popularidade tem muita significação, não se encommenda, nasce espontanea a festejar o genio.

Vae n'isto um desengano dos talentos mediocres: não é o mundo das letras que lhes cerra as portas; são elles que não tem forças para as abrir. Quando se entra com um passaporte como o *D. Jayme*, o novo adepto é bem vindo, todos o festejam com as devidas honras, e não se perde no vulgo. É talvez a republica das letras aquella em que por vias mais legitimas se chega á soberania; lá só as aguias e não os reptis podem ganhar as summidades.

A. CESAR DA SILVA MATTOS.

JARDIM BOTANICO DA AJUDA

I

Entre os grandes serviços, que o illustre marquez de Pombal prestou á sua patria, deve-se contar o do cuidado, diligencia e esmero que empregou para que Portugal tivesse um dia por soberano um segundo rei D. José, tão illustrado como o primeiro, que levou as reformas civilisadoras a todos os ramos da publica administração. Foi inquestionavelmente um grande serviço, embora viesse a tornal-o nullo a morte prematura de tão esperançoso principe.

Ninguem ignora que Deus dotára com elevados dotes de alma e com as mais bellas qualidades do coração ao principe D. José, filho primogenito da princeza D. Maria Francisca Isabel, que por morte del-rei D. José I, seu pae, se sentou no throno com o nome de D. Maria I.

A educação, pois, d'este principe foi dirigida desde a sua infancia com o maior desvelo e solicitude. Aquelle incomparavel ministro, que sabia estender a sua attenção e esforço a todos os interesses moraes e physicos do paiz, não se esqueceu de coisa alguma que podesse contribuir para o aperfeiçoamento da educação de sua alteza.

Foram escolhidos no paiz, e mandaram-se vir do estrangeiro, para mestres do principe, professores mui distinctos nos variados conhecimentos humanos. E para que os estudos theoricos do real discipulo se firmassem e robustecessem na pratica, ordenou-se a creação de um museu de historia natural, de um gabinete de physica e de um jardim botanico.

Tal é a origem do real museu da Ajuda, hoje encorporado no museu nacional estabelecido no edificio da eschola polytechnica; do gabinete de physica existente n'um edificio contiguo ao paço novo; e do jardim botanico, que faz o assumpto d'este artigo.

Antes, porém, de proseguirmos, devemos explicar o motivo por que deixámos de mencionar o infante D. João, a quem foram dados os mesmos mestres de seu irmão mais velho.

Posto que o infante não se podesse comparar em talento com o principe real, não era comtudo destituido de intelligencia, e além d'isso possuia em grão eminente um dos dotes mais essenciaes para a illustração do espirito. No decurso da sua vida, que tão agitada e amargurada foi, como principe regente e como rei, deu provas exuberantes da sua memoria prodigiosa. Entretanto, esta qualidade era em grande parte annullada na sua juventude pela falta de applicação ao estudo: circumstancia que, reunida a não ser sua alteza o herdeiro da corôa, fez com que se desistisse de violentar a sua repugnancia. Assim, em quanto o principe D. José correspondia por todos os modos aos esforços dos mestres, aos desejos del-rei, seu avó, e á expectativa e projectos do marquez de

Pombal, o infante D. João apenas estudava o que queria, e de ordinario com pouco se contentava.

Por conseguinte alludindo a um plano de educação tão sabiamente traçado, e com tanta exactidão conduzido, não podiamos com justiça e verdade, fazer participante d'elle a quem tão pouco se aproveitou das suas vantagens.

Não chegou o marquez de Pombal a ver realisado o seu projecto de jardim botanico.

Fallecendo el-rei D. José I, e caindo em desgraça o seu ministro, quando o principe D. José, que apenas tinha 15 annos e meio de edade, principiava no estudo das sciencias naturaes, foi levado a effeito aquelle projecto no reinado de D. Maria I.

Teve o jardim botanico da Ajuda por seu primeiro director o doutor Domingos Vandelli (italiano) lente jubilado da universidade de Coimbra, membro da academia real das sciencias de Lisboa, e auctor de mui



Jardim Botanico da Ajuda — Desenho de Barbosa Lima

eruditas memorias. Perseguido e desterrado como jacobino, durante as guerras com a França, foi substituido pelo vice-director Alexandre Rodrigues Ferreira. Em 1811 foi encarregado da direcção do jardim e museu o doutor Felix de Avellar Brotero, tambem lente jubilado da mesma universidade, socio d'aquella academia, e de muitas outras sociedades scientificas da Europa, e auctor da *Flora Lusitana*, e de mais algumas obras de reconhecido merito.

Este nosso sabio compatriota, que foi apreciado geralmente como um dos mais insignes botanicos do seu tempo, não só continuou com muito zelo e acerto os trabalhos de Vandelli, mas tambem introduziu no jardim da Ajuda muitos melhoramentos. Augmentou consideravelmente o numero de plantas, sobre tudo das do paiz, que descobriu e colligiu em diversas viagens que fez pelo interior, e compoz um catalogo de todas as especies existentes n'aquelle jardim, distribuidas por classes e ordens, segundo o systema de Linneo.

Pela sua morte, succedida em 1828, foi caindo aquelle jardim em grande decadencia até ao anno de 1834, em que, terminada a lucta da liberdade, principiou o governo a olhar pelos estabelecimentos de instrucção publica.

No periodo que decorreu de 1834 a 1839 o jardim deveu algum melhoramento á solicitude do seu director, o doutor José de Sá Ferreira dos Santos Valle, lente de botanica da universidade de Coimbra. Por uma lei d'este ultimo anno foi o jardim annexado á eschola polytechnica, e commettida a sua direcção ao lente de botanica e principios de agricultura da referida eschola.

Posteriormente enriqueceu-se o jardim com uma grande copia de especies novas, muitas d'ellas exoticas, porém a maior parte indigenas e colligidas pelo distincto naturalista dr. Welvitsch, que tão bons ser-

viços tem prestado ao paiz nas explorações scientificas que ultimamente tem feito por commissão do governo portuguez nos sertões das nossas provincias da Africa occidental.

Todavia, apesar do que temos exposto, é forçoso confessar que aquelle jardim está mui longe de ser um estabelecimento como o pede a sciencia, e como o reclama a propria dignidade de uma capital como é Lisboa.

II

Está situado o jardim botanico junto do paço velho da Ajuda. Compõe-se de um plano superior, que se estende de léste para oeste pela frente do paço, e de outro plano inferior, que desce suavemente do norte contra o sul. O primeiro é o quadro das classificações, a eschola pratica de botanica; o segundo é o das culturas experimentaes.

No plano superior estão duas grandes estufas, que não primam em elegancia de construcção, nem em bellezas de architectura. Encerram alguns bons exemplares de arvores dos tropicos; todavia são pobres de plantas raras.

Adornam este plano tres lagos de marmore de fórma circular, e de vasto ambito, com seu repuxo no centro. Defendido do norte pelas duas estufas, e pela frontaria do paço velho da Ajuda, que as une, a unica que se conserva intacta dos incendios de 1794 e de 1861; abrigado do léste por uma alta parede de copadas e viçosas *thuias;* do oeste por um pequeno mas frondoso bosque, plantado em terreno levemente accidentado; e do lado do sul desaffrontado para receber amplamente os raios beneficos do sol, desfructa este jardim uma excellente exposição, perfeitamente adequada á cultura das plantas tropicaes. Alli se vêem muitas d'estas plantas, crescendo e medrando ao ar livre, com tanto viço e pompa como se foram indigenas.

Mencionaremos como digno de attenção pela sua grandeza e formosura o dragoeiro, *Dracoena draco*, que se ergue a pouca distancia da estufa do lado de oeste.

É guarnecido este jardim, da parte do sul, por uma balaustrada de marmore, ornada de vasos de loiça, e coroando a muralha de pedra que separa o mesmo jardim do plano inferior.

Goza-se d'aqui, por cima da verde espessura de um lindo bosque, o panorama encantador do Tejo, dos montes e povoações que o debruam, da barra e do Oceano infindo.

Duas escadarias de pedra, tambem guarnecidas de balaustrada, e em correspondencia uma da outra, communicam os dois planos. Na muralha, entre as duas escadas, está um nicho com a estatua colossal de Hercules, de marmore.

O plano inferior é cortado de ruas, assombradas por basto arvoredo, que tambem cérca e abriga muitos espaços de terreno, onde se cultivam variadas plantas economicas.

Possue este plano bellas arvores exoticas, tres grandes lagos de marmore, e duas antiquissimas estatuas. Ao lago do centro, destinado para plantas aquaticas, quadra talvez melhor o nome de cascata, pois que do meio d'elle se eleva uma alta fabrica, toda de marmore, com muitas figuras de animaes diversos, dispostos para um agradavel jogo d'aguas. Este lago vê-se representado na gravura que juntâmos.

As duas estatuas estão collocadas aos lados da porta, que dá entrada, pela parte do sul, para este plano. São de pedra granitica mui toscamente lavradas. Ha quem as attribua aos phenicios; outros porém julgam que são obra dos antigos lusitanos anteriormente á invasão dos romanos, e parece ser esta a melhor opinião. Uma d'ellas tem na base este letreiro: *Estatuas militares, que se acharam no outeiro Lesenho, perto da villa de Montalegre, no anno de* 1785.

Encontraram-se alli casualmente, fazendo-se umas excavações.

I. DE VILHENA BARBOSA.

O HOMEM QUE NÃO PODE CHORAR

POR ALEXANDRE DUMAS

(TRADUCÇÃO DE RODRIGO PAGANINO)

(Conclusão. Vid. pag. 214)

A velha residia n'uma pequena choça na encosta da montanha.

A choça tinha uma só casa, e com o aspecto mais miseravel que se póde imaginar.

Lia procurava logar onde se deitasse.

Sente-se n'aquella esteira, disse-lhe a velha, apresentando-lhe uma chicara de leite e um pedaço de pão trigueiro.

— É quanto lhe posso offerecer, mas sabe Deus se já houve tempos em que não era tão pobre. Na aldeia, além da montanha, a muitas propriedades chamava eu minhas, recolhia muitos rebanhos em curraes meus, e podia espairecer a vista pelos campos fóra sem devassar propriedade alheia. Tive um filho, e esse gastou-me a fortuna toda. Todavia, disse ella proseguindo, tambem Deus sabe que não lamento os bens da fortuna, e que, se derramo lagrimas, são lagrimas de amor.

— Era muito mau seu filho? — perguntou Lia.

— Não era, não, apressou-se a pobre mãe a dizer. Não hei de levantar nunca a minha voz contra meu filho; bem pelo contrario, tinha excellente coração. Era alguma coisa leviano, e se não saíu melhor, foi mais por culpa minha do que d'elle. Não o castigava quando commettia alguma falta. Déra-me Deus excellente terreno, foi a minha grande fraqueza que o semeou de joio.

E desatou a soluçar.

Lia teve muito dó d'ella, e tratou de a consolar em quanto ia ceiando do pão e do leite que lhe apresentára. Mas, enxugando os olhos, começou a velhinha a preparar-lhe cama de folhas séccas, murmurando sempre:

— Deus assim o quiz; quanto Deus faz está bem feito.

Lia já estava deitada, e quasi a adormecer, quando de repente entraram a bater á porta.

— Quem é? — perguntou a velha.

— Um viajante que pede hospitalidade, respondeu voz de homem da parte de fóra.

— Minha querida senhora, por amor de Deus, não abra, disse Lia: talvez seja algum ladrão que nos venha assassinar.

— Socegue, minha menina, retorquiu-lhe a boa velha, o que poderia querer um ladrão de uma choupanasinha tão pobre? Quem havia de querer praticar um crime inutil matando uma velha e uma criança? É talvez algum pobre viajante perdido, que póde cair em qualquer precipicio se lhe não valermos; não lhe abrir a porta era faltar aos deveres christãos.

E a velhinha franqueou a porta.

O estranho entrou logo. Vinha envolto n'um comprido capote, que quasi de todo lhe encobria o rosto. A velha reavivou o fogo da chaminé, apresentou-lhe leite e pão, e convidou-o a tomar algum alimento, como, havia pouco, o fizera á criança.

Mas elle, em vez de acceitar, fez signal com a cabeça que rejeitava, e deteve-se examinando a velha ao clarão do brazeiro que lhe illuminava a physionomia.

— Por que não come? — perguntou a boa mulher. Deve ter fome, e eu offereço-lhe o meu pouco de boa vontade. Ande, coma.

— Não comerei em quanto me não perdoar — atalhou o recemchegado, lançando o capote ao chão, abrindo os braços e mostrando o rosto banhado em lagrimas.

— Meu filho! — exclamou a velha.

— Minha mãe, minha mãe, respondeu-lhe o viajante.

E lançaram-se nos braços um do outro.

Era com effeito o filho perdido, o filho prodigo que recolhia a casa.

Os primeiros momentos foram exclusivamente consagrados á alegria, á commoção e ás lagrimas.

Em seguida o filho contou á mãe o que lhe tinha succedido.

Resumiremos a sua historia em poucas palavras.

Em quanto lhe restou algum dinheiro de sua mãe, passára elle vida alegre e dispendiosa; em seguida á dissipação viera a miseria, e depois uma doença que o levára ás portas da morte.

Fôra então que lhe chegára o arrependimento; fôra então que comprehendêra bem quanto tinha sido culpado contra Deus e contra sua mãe. Pediu a Deus que lhe perdoasse, e jurou voltar para a companhia de sua mãe, se conseguisse curar-se.

Deus ouviu-lhe a supplica e restituiu-lhe a saude.

Tratou então de cumprir a sua promessa; mas como tinha gasto o dinheiro todo, envergonhou-se de voltar para casa pobre e sem recursos nenhuns, como um mendigo. Assim se achava um dia proximo ao Danubio, pensando nos meios de ganhar algum dinheiro para poder regressar á casa materna; e em quanto scismava ia seguindo com a vista machinalmente um rapaz que se estava divertindo a nadar; em quanto o pae, na margem do rio, tambem se deleitava admirando a força e a pericia do filho.

De repente o nadador principiou a pedir soccorro; dera-lhe uma caimbra, e ia afogar-se.

O pae deitou-se á agua; mas, em vez de salvar seu filho, afundava-se tambem por não saber nadar.

Frantz, pelo contrario, assim se chamava o filho da boa da velha, era um excellente nadador, e tinha-se exercitado desde a infancia no Rheno. Instantes depois pae e filho estavam salvos.

No dia seguinte Frantz recebeu doze mil francos de mão desconhecida. O seu primeiro impulso foi restituil-os, parecendo-lhe que não devia consentir que lhe pagassem uma boa acção.

Mas tanto o pae como o filho tinham deixado aquella terra. Eram dois viajantes que iam de passagem, e ninguem sabia d'onde tinham vindo nem para onde iam.

Foi então que Frantz, já sem o menor escrupulo, rico de dinheiro, e mais rico ainda de arrependimento, recolhêra a casa de sua mãe.

Conversou a velha com seu filho por muito tempo ainda, proximo ao fogo, porque, tantas coisas tinham que dizer, que nem lhes passava pela cabeça que podessem dormir.

Não acontecêra assim com Lia. Mal o rapaz acabou a sua historia, adormeceu logo. Teve o mesmo sonho que já tivera. Viu o mesmo jardim, as mesmas flores, as mesmas borboletas e os mesmos anjos.

D'essa vez, porém, o anjo das lagrimas fez-lhe signal para que se aproximasse.

Encaminhou-se para elle.

Então apresentou-lhe uma perola.

— Toma, disse-lhe, aqui está a preciosa perola em que te fallei; é formada por duas lagrimas: uma lagrima de amor materno, outra de arrependimento filial. Colloca esta perola sobre o coração de teu pae, e curar-se-ha.

A criança experimentou tal alegria que acordou.

O sonho esvaeceu-se.

Lia pensou que fôra um sonho vão, como todos os sonhos, e esperou tristemente o amanhecer.

Rompeu o dia, o sol ao amanhecer foi dissipando o nevoeiro.

Lia quiz deixar a cabana no mesmo instante.

— Não, disse-lhe a boa da mulher, ha de primeiro almoçar; podêmos agora offerecer, porque já não estamos tão pobres. Quando acabar de almoçar, Frantz lhe irá ensinar o caminho.

Em quanto Lia almoçava, a velha foi arranjar para seu filho, que ainda não tinha dormido, a cama em que Lia estivera.

Em quanto a estava arranjando achou uma perola.

— Aqui tem, minha menina, o que perdeu; foi uma felicidade achar-se joia que parece de tanto valor.

— Ah! exclamou Lia, é a perola do anjo.

E caíndo de joelhos, deu graças a Deus.

Quando acabou a sua oração, insistiu novamente para que a deixassem partir no mesmo instante. Frantz ensinou-lhe o caminho, conforme a velha promettêra, e no dia seguinte chegou á casa paterna.

Uma criada velha, que fôra ama de seu pae, veiu recebel-a toda chorosa.

— Meu Deus, exclamou Lia, meu pae morreu?

— Não morreu, mas está á beira da sepultura. Esperava-a hontem, e como não appareceu, pensou que alguma fera a teria morto, ou que então tivesse ficado n'algum precipicio. Foi immensa a dor, e como não pôde chorar, tem estado quasi suffocado pelas lagrimas.

— Onde está? — perguntou Lia.

— No seu quarto, respondeu a criada; oxalá que ainda chegue a horas de lhe receber a suprema benção e o ultimo beijo.

Lia já estava na escada. Abriu a porta do quarto de seu pae, gritando:

— Aqui estou, meu pae, aqui estou.

O moribundo fez um esforço, e estendeu os braços a sua filha, balbuciando:

— Perdoae-me, meu Deus, que eu morro.

Mas em quanto pronunciava estas palavras, Lia applicava a perola ao coração de seu pae. Este soltou um grande grito, e duas torrentes de lagrimas lhe rebentaram dos olhos.

Depois, com accentuação de ineffavel jubilo:

— Que beneficio são as lagrimas! — exclamou elle. Graças vos sejam dadas, meu Deus, e tambem a ti, minha filha.

E ainda viveu longos annos, podendo derramar, desde então, lagrimas de magoa e de alegria.

PALACIO DA AJUDA

(Conclusão. Vid. pag. 209)

III

Do vestibulo sobem duas escadas para o andar nobre do palacio. Não condizem com a magestade do edificio, e ao presente, que servem de escadas principaes, merecem o nome de mesquinhas. Porém foram feitas para serventia particular dos aposentos do principe regente, depois rei, e de outras pessoas reaes.

Antes de fallarmos do andar nobre, diremos duas palavras a respeito do primeiro pavimento, que é terreo para os lados de léste e norte, e bastante elevado para a parte do sul por causa do declive do terreno. Encerra este andar uma curiosa collecção de pannos d'Arraz, que vestem as paredes de varias salas, e representam os successos mais notaveis da guerra de Troia, os principaes factos da historia de D. Quixote, e scenas da vida campestre. Em algumas salas veêm-se nas sobre-portas lindos paineis de pintura a oleo, executados por artistas nossos de merecimento.

Contém o andar nobre extensas galerias de grandes salas. As que servem nas recepções solemnes occupam metade da fachada de léste, desde o salão chamado *dos embaixadores*, ao qual pertencem as tres janellas da varanda sobre o vestibulo, até ao torreão, que volta para o lado do sul.

Nenhuma d'estas salas corresponde em riqueza de ornatos architectonicos ao seu destino actual. Mas não

é culpa do architecto, que fez para camara de dormir do principe regente a sala do referido torreão, que vemos arvorada em sala do throno. A sala contigua da audiencia, tambem denominada *da acclamação*, porque se vê pintada nas suas paredes a acclamação del-rei D. João IV, e as outras salas immediatas eram destinadas para salas particulares do mesmo principe. O vasto salão elliptico, agora chamado dos embaixadores, devia ser o *salão de recreio* de sua alteza. É por esta razão foi traçado pelo architecto com muita mais riqueza. Não obstante os bellos marmores, que lhe cobrem o pavimento em bonitos feitios, que lhe guarnecem as paredes, em pilastras com graciosos capiteis de ordem composita, e que lhe adornam as portas e janellas em delicados lavores, é preciso para que se complete o seu tecto, já bastantemente elevado, que suba mais sete braças para formar uma cupula esbelta e grandiosa, e que todas as pinturas a claro e escuro, que decoram as paredes, sejam substituidas por esculpturas em marmore conforme o desenho d'aquellas.

Nas pinturas d'este paço foram empregados muitos artistas, pela maior parte inferiores a tão alta missão. Nas paredes e tectos, sobre tudo, não deram provas de proficiencia, nem de bom gosto. Nos paineis das sobre portas, e nos quadros que existem nos corredores, encontra-se alguma coisa que agrada aos entendedores. Tanto n'aquelles como n'estes vêem-se producções do Vieira Portuense, de Sequeira, de Foschini, de Botelho, de Callisto, de Volkmar Machado, e de outros pintores, que deixaram bom nome.

Entre os quadros a oleo, que guarnecem os corredores, existe um de muito apreço, principalmente como objecto archeologico. Representa a ceremonia solemne da acclamação e juramento del-rei D. João IV, tal qual se celebrou no Terreiro do Paço no dia 15 de dezembro de 1640. É contemporaneo, e julgâmos ser obra de José d'Avellar Rebello, pintor muito estimado del-rei D. João IV. É um quadro fiel e precioso dos costumes nacionaes n'aquella epocha memoravel da historia portugueza.

Em uma das salas, que deitam para o sul, está o oratorio particular da familia real. Não é rico, mas acha-se decorado com decencia. A grande e magestosa capella do paço estava por acabar interiormente; porém trata-se agora com toda a actividade de a concluir, e cremos que ficará prompta para o consorcio del-rei. Occupa sobre o vestibulo para o lado do pateo, para onde tem janellas, o espaço correspondente ao salão dos embaixadores. É bella na fórma e rica em marmores esculpidos primorosamente.

Edificado sobre um outeiro pertencente á serra de Monsanto, nas faldas do qual se estende o bairro de Belem, acha-se o palacio d'Ajuda em uma situação mui linda e salubre. Dominando o Tejo em grande extensão do seu curso; descobrindo para oeste muitas legoas do Oceano, para léste uma boa parte de Lisboa, para o sul innumeraveis povoações espelhando-se nas aguas do Tejo, ou reclinando-se em suaves collinas, ou coroando montes como Almada e Palmella, ou subindo pelo dorso da serrania d'Arrabida; e para o norte parte dos arrabaldes da capital, a ribeira d'Alcantara com o seu aqueducto monumental, a poetica serra de Cintra, e outras cordilheiras mais ou menos pittorescas, deixa desfructar das suas janellas e terrados formosissimas e variadas perspectivas.

A frente de léste deita sobre uma grande praça, que demanda muitos melhoramentos, ainda que não sejam os que o architecto delineou na planta dos terrenos adjacentes ao palacio. Entretanto alguma coisa se está fazendo para a aformosear.

N'ella existiu outr'ora a egreja patriarchal, alli edificada á pressa depois do incendio que destruiu o templo onde estava erecta, no sitio que se ficou chamando *Patriarchal Queimada*, e actualmente *Praça do Principe Real*. D'aquella egreja abarracada, demolida ha annos, resta de pé a torre dos sinos, de cantaria, que se vê solitaria quasi no meio da praça.

IV

Nota-se n'este palacio uma falta mui sensivel para uma habitação real de tanta grandeza e sumptuosidade. Ainda não tem jardins.

Os terrenos que se estendem áquem da calçada da Ajuda por diante da parte concluida da fachada do sul, e por este mesmo lado da praça, que precede a frontaria de léste, estão incultos, ou são terras lavradias, em vez de serem soberbos jardins, como os ideou o architecto.

Os que ficam além d'aquella calçada, e que são destinados para os jardins da outra parte da fachada do sul, não começada, acham-se occupados pelos edificios e pateos que ainda restam do palacio velho da Ajuda, e pelo jardim botanico. Este, porém, mal póde servir de recreio á familia real, pela distancia em que fica do paço novo, e mais ainda pela má serventia para o mesmo jardim.

Tambem não tem quinta, que lhe seja contigua. Mas nas proximidades lá está a *Tapada da Ajuda*, que facilmente se póde converter em quinta de regalo, e que não seria muito difficil approximal-a mais do palacio.

Abrange esta tapada um vasto circuito todo murado, que se dilata pela encosta da serra de Monsanto, com mui suave declive, desde o alto da Ajuda, ou proximo d'elle, até quasi tocar na ribeira d'Alcantara. Consta de uma bella matta, de copado arvoredo, e cortada de ruas espaçosas; de terrenos de lavoura, com as necessarias officinas; e da casa onde reside o almoxarife, que administra esta propriedade real.

Foi mandada fazer a tapada da Ajuda pelo marquez de Pombal para recreação del-rei D. José I, que era muito dado aos exercicios da caça.

Não sabemos a quanto subiram as sommas dispendidas no palacio da Ajuda. Porém de um documento official, que tivemos occasião de ver, consta que se gastou n'aquellas obras, desde novembro de 1813 até ao ultimo de dezembro de 1818, a quantia de 809:106$019 réis.

Advertindo-se que no fim d'este periodo a construcção chegava apenas ao começo do andar nobre, e por conseguinte que ainda não estavam principiados os mais dispendiosos trabalhos de esculptura, poder-se-ha affirmar que este palacio no estado em que se acha, representa um capital de muitos milhões de cruzados.

Presentemente trabalham n'elle com muita efficacia centenares de operarios de varios officios a fim de o aformosearem e adereçarem magnificamente para o consorcio del-rei o senhor D. Luiz I com a excelsa princeza a senhora D. Maria Pia de Saboya.

Por um lapso da memoria dissemos, fallando dos esculptores que trabalharam n'este palacio, que Alexandre Giusti fôra mandado vir de Italia por el-rei D. João V para ser empregado nas obras de Mafra.

Este distincto esculptor italiano veiu a Lisboa encarregado de assentar na egreja de S. Roque a capella de S. João Baptista, mandada fazer em Roma por aquelle soberano. Depois é que foi ajustado, já no reinado de D. José I, para trabalhar nas obras de Mafra, e fundar alli uma eschola de esculptura. El-rei D. João V deixára concluido o edificio, menos os retabulos das capellas da egreja, que ficaram paineis de pintura a oleo, devendo ser quadros de marmore com as figuras em alto relêvo.

Esta importante e ardua tarefa é que foi commettida a Alexandre Giusti, que a desempenhou excellentemente ajudado de seus discipulos.

I. de Vilhena Barbosa.